

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

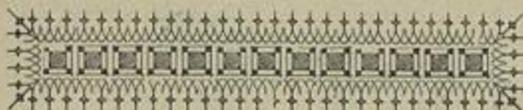
Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 667	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	10 DE JULHO DE 1897	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Posseções ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

CENTENARIO DA PARTIDA DE VASCO DA GAMA PARA A INDIA



MONUMENTO A VASCO DA GAMA, EM GOA

(Cópia de uma photographia)



## CHRONICA OCCIDENTAL

A commemoração do 4.º centenario da partida de Vasco da Gama para a Índia, foi o facto dominante da semana, apesar d'essa commemoração ser bastante modesta em suas manifestações para a grandeza do facto commemorado.

Diversas são as causas que para isso influíram, de que bastará nomear a da crise financeira por que o thesouro está passando, e que fez com que fossem officialmente adiadas para o anno as festas do centenario, na expectativa de melhores recursos e mais tempo para se prepararem e fazer.

Parece-nos, porém, que chegaremos ao anno e estaremos tão adiantados como agora, porque as circumstancias financeiras do thesouro não se modificarão facilmente, e tudo faz prever que antes serão peores do que hoje, pelos menos mais cheias de encargos, dado o expediente commodo e abonatorio da capacidade dos governantes, de mais uma vez recorrerem ao credito, como producto final de todas as suas lucubrações financeiras.

O que vale, no meio d'esta podridão official, é que o descobrimento do caminho para a Índia foi um facto de tal grandeza, que todas as commemorações que d'elle se façam, por mais apparatus e festivas que sejam, ficarão sempre á quem do alto feito, que iniciou ha quatrocentos annos a civilização que o mundo hoje disfructa.

Quasi que chega a ser profanação commemorar com foguetes mais ou menos numerosos e estoirantes, com hymnos inexpressivos e banaes, com bandeiras e galhardetes de arraijal, com fogos de vistas e lamparinas de cebo, um facto historico que engrandeceu um povo, e mais que um povo, a humanidade, pelos beneficios que d'elle dimanaram para todos.

Os moiros succediam aos barbaros no intento de invadir a Europa, para o que lhes não faltavam as riquezas da Ásia, se os portuguezes lhes não sahisses ao caminho, com a espada heroica de Albuquerque a destruir-lhes as suas esquadras no mar Roxo e a disputar-lhes a posse do grande imperio do Oriente.

A Europa ter-se-hia sentido apertada n'um circulo de ferro, assolada por uma raça valente e fanatica que a reduziria á ruina, como os barbaros reduziram o forte imperio romano.

E comtudo as scenas trocaram-se. A civilização da cruz dominou o crescente, e estendeu-se para além do Ganges, assombrando aquellos povos, que se submeteram.

O Oriente entrou em commercio com a Europa; os portuguezes traziam de lá as primeiras especiarias e drogas com que vieram fazer uma revolução nas sciencias, nas artes e nas industrias. Os seus pilotos demarcavam os mares levantando cartas de navegação; e, emquanto as outras nações da Europa se debatiam em guerras intestinas contra a tyrania que as opprimia e explorava, este pequeno povo do extremo Occidente, luctava por todos, abrindo ao mundo uma nova era, transformadora, que mudava completamente o destino dos povos.

Foi um novo sol que illuminou o mundo, e ao calor dos seus raios se creou esta civilização!

Dizei-me agora se um facto de tão extraordinaria grandeza se commemora como qualquer burgo festeja o triumpho eleitoral do seu candidato, com foguetes e philarmonicas a percorrem as viellas.

Não foi para isso que tantos heroes se empenharam em lances arriscados; mas para o bem da humanidade, em geral, e para honra e engrandecimento da patria, em particular. A unica maneira de bem corresponder e honrar a memoria d'esses heroes, seria ter-lhe respeitado o patrimonio legado, não o malbaratando por criminosa incuria e imperdoavel desleixo; levantar-lhe por toda a terra portugueza monumentos a eternisarem no marmore e no bronze a sua memoria gloriosa e honrada, monumentos que fossem como que busulas a orientar este povo, monumentos que fossem como que paginas eternas onde o povo aprendesse, desde a infancia, a sua historia, com as primeiras orações que e amor maternal lhe vasasse no coração.

A commemoração condigna seria o ter aproveitado bem todo o sangue derramado por nossos maiores, e agora, ao rememorar seus feitos, poder invocar-lhe os espiritos e dizer-lhe: a patria que engrandeceste, ahi está tão grande como a sonhaste!

Esta seria a mais gloriosa commemoração.

Mas ainda nos soam os mal extinctos echos de uma grande festa com que um povo, que não é portuguez, celebrou a sua grande expansão colonial, o seu grande imperio da Índia.

No meio d'isto, enfim, houve uma nota consoladora, da mais levantada significação, que melhor se justificou pelos seus fins altamente educadores e patrioticos.

Foi a inauguração da nova séde da Sociedade de Geographia.

Esta Sociedade, que bem se póde considerar hoje benemerita, mudou a sua installação para a parte do edificio do Colyseu dos Recreios, que estava por acabar e que foi agora concluida para aquelle fim.

Este edificio é tão monumental em sua architectura, como vasto em suas dependencias. E' o primeiro edificio de Lisboa moderna.

A sala das sessões solemnes, que é ao mesmo tempo o museu da sociedade, occupa uma area superior á da bem conhecida Sala do Risco do Arsenal de Marinha, accrescendo duas vastas galerias que correm em toda a volta d'esta sala, denominada *Salão Portugal*.

Muitas outras tem o edificio e que se denominam salas *Coimbra, Porto, India, Restello, Algarve, Douro, Sagres* etc., todas de consideraveis dimensões, alem de uma infinidade de outras salas e gabinetes destinadas a commissões, direcção, secretaria, leitura, jogos secções do museu, e bibliotheca por cima da sala *Algarve* para a qual abre ao centro um grande escutilhão com sua varanda de ferro em volta.

Não vem para os limites e indole d'esta chronica a descripção premonorisada do edificio; isso será objecto de artigo especial, pelo que voltamos á sessão solemne com que a Sociedade de Geographia inaugurou a sua nova séde.

O aspecto da grande sala era deslumbrante. Em volta, pelas galerias, senhoras ostentando sua formosura e suas *toilettes* de verão, de cores claras e delicadas, chapéus cheios de flores como um jardim em primavera florida. Agitam os leques lanjeolados como pequeninas estrellas a brilharem fugitivamente. A luz intensa do sol penetra na sala atravez dos *stores* e espalha uma calaridade franca, alegre que se reflecte nas cores claras das pinturas.

Em volta das galerias veem-se brazões fundidos em ferro, pintrolados, dos principaes navegadores portuguezes. Na cimalha lêem-se em caracteres quinhentistas pintados a ouro, os nomes dos pilotos e capitães das descobertas.

No topo direito do salão pende obliquamente do tecto sobre a segunda galeria, um grande planispherio onde se mostra a espanção de Portugal, lendo-se por baixo este verso de Camões:

«Por mares nunca d'antes navegados»

Fóra ouve-se as musicas tocar o hymno nacional e momentos depois, na grande sala, a banda da guarda municipal repete-o produzindo um effeito de sonoridade extraordinario.

São Suas Magestades que chegam. El-Rei veste a farda de almirante e toma a presidencia ficando á direita Sua Magestade a Rainha D. Amelia e á esquerda a Rainha D. Maria Pia.

Ao lado da meza da presidencia forma a guarda de honra sendo a da direita, de aspirantes de marinha e a da esquerda de sargentos aspirantes do exercito. E' imponente o aspecto marcial das guardas ao apresentar as espadas emquanto se toca o hymno. O sr. presidente do conselho, ministro da marinha e ministro da guerra ficam ao lado direito da meza com os mais dignatarios da corte e altos funcionarios. A esquerda os socios da Sociedade de Geographia, socios da Academia das Sciencias, convidados etc.

Em seguida ao hymno nacional a banda toca o hymno do centenario, composição do maestro Augusto Machado, e depois o sr. Conde de Thomar, vice-presidente da Sociedade, lê um breve discurso agradecendo a presença de Suas Magestades n'squelle acto, declarando que, se as festas do centenario foram adiadas para o anno, nem por isso a Sociedade de Geographia empregará menos esforços para que ellas tenham o maior brilho possivel, annunciando que a celebração do centenario tem tido o mais lisongeiro acolhimento da parte das sociedades estrangeiras; enaltecendo tambem os receniter feitos militares que asseguraram á corôa de Portugal a soberania e dominio na Africa, terminando por agradecer a El-Rei o ter vindo ali inaugurar a nova séde da Sociedade de Geographia, testemunho de quanto podem a perseverança e patriotismo d'aquelles que a levaram a effeito.

El-Rei responde em breves palavras que foram

escutadas com a maior attenção por todo o auditorio.

Diz que lhe é muito agradável ir ali n'aquelle dia me'noravel, tão glorioso para a historia, inaugurar a nova séde da Sociedade de Geographia que tantos e tão valiosos serviços tem prestado á sciencia e a Portugal. Que o dia 8 de julho de 1497 fóra o ponto de partida para a expansão do nosso dominio ultramarino, d'esse dominio que otr'ora tanto sangue custou e que nos nossos dias tem dado ensejo ás manifestações de valentia, ás provas de heroismo e de abnegação dos soldados portuguezes, bravos entre os primeiros. Sorri-do-lhe a idéa de mais uma vez ter occasião de elogiar os nossos valentes soldados e marinheiros, esses filhos queridos de Portugal que tantos serviços tem prestado e estão prestando á patria muito amada.

Temos atravessado dias difficeis, mas temos tido tambem dias gloriosos, para todos nós graças ao valoroso exercito portuguez. Que Deus proteja aquellos que ainda estão lá fóra, servindo o paiz, defendendo a honra da bandeira nacional e que elles voltem, em breve, cobertos de gloria como os que os antecederam, no regresso.

Estas palavras de El-Rei foram acolhidas com uma salva de palmas e vivas.

Terminou a sessão pela leitura de uns telegrammas de felicitação dos officiaes e guarnição do *Adamastor* e do *Africa* ainda em Livorno; de portuguezes, em Paris e do dr. Sousa Martins, que está na Serra da Estrella, e que, sabe Deus, com quanta magua ali não poude compacer, seguindo-se a leitura do auto de inauguração pelo sr. Luciano Cordeiro, secretario perpetuo da Sociedade de Geographia.

Suas Magestades visitaram depois as differentes salas, e na sala da *India*, sala de honra, assignaram o auto, seguindo-se os membros presentes do governo, corpo diplomatico, deputações parlamentar, da Academia Real das Sciencias, Camara Municipal, socios e mais pessoas presentes.

O edificio ficou depois patente ao publico, que o visitou com interesse e em tão grande numero, que por vezes foi preciso fechar a entrada por não caber mais ninguem lá dentro.

E muito tem o publico ali que vêr e aprender, os que quizerem conhecer d'algumas das riquezas das nossas colonias, pelas colleções valiosas de productos naturaes e da industria indigena que estão expostas.

Além d'isto que de tropheus gloriosos que ali se guardam; que multidão de estatuas representam tantos heroes, de que o geral do povo mal tem conhecimento; quanto ali se póde ler da historia patria; que de reliquias do passado a venerar.

São vinte e tantos annos de constante trabalho; vinte e tantos annos de perseverança n'uma idéa, que não houve contrariedades que fizessem esmorecer, e comtudo quantas difficuldades vencidas, quantas más vontades submettidas, quanta indifferença combatida.

Muitos terão trabalhado para este feliz exito, mas o nome de Luciano Cordeiro nunca poderá ser esquecido, como o do homem que mais se tem empenhado por esta sociedade, como a alma de todo aquelle movimento.

A inauguração da nova séde da Sociedade de Geographia, realisada no dia 8, data de tão gloriosa recordação, foi a festa mais significativa com que se podia celebrar o centenario da partida de Vasco da Gama para a Índia.

Esta data sobre que são volvidos quatro seculos, talvez passasse ainda d'esta vez esquecida, se não fóra a Sociedade de Geographia. Quem sabe!

Talvez, por esse paiz fóra, ninguem se lembrasse d'ella e o povo não teria occasião de manifestar, quanto lhe permite a sua ignorancia da historia e o nenhum conhecimento da importancia dos factos n'ella narrados, o amor pela patria e veneração por seus maiores, muito embora essas manifestações se não affirmassem por nenhum acto á altura do feito memoravel, mas se limitassem a festas com foguetes, philarmonicas e luminarias, que é tudo quanto o povo comprehende.

Fundem se instituições de ensino e educação a valer; não se deixe vegetar na iguorancia quatro milhões d'almas n'uma população de cinco milhões, e este pequeno povo, que ainda era mais pequeno quando foi grande pela estatura moral dos seus homens, poderá voltar á vida e saberá occupar o logar que lhe compete no concerto das nações, mostrando então ao mundo, com bem fundada razão e dignidade, como se commemoram feitos de tanta gloria e se afirma a grandeza de um povo.

E aqui está em que veio a dar esta chronica.

Lynce.

## CENTENARIO DA PARTIDA DE VASCO DA GAMA PARA A INDIA

No dia 8 do corrente passou o quadricentenario da partida da praia do Restello da expedição naval portugueza, que, sob o commando de Vasco da Gama, descobriu o caminho marítimo para a India.

Embora os festejos centenários fossem transferidos para a occasião em que se commemora a chegada a Calecut, não pôde passar despercebido o grande dia 8 de julho, a data mais fulgente de toda a nossa historia e da da Europa.

A hora a que escrevemos, repercutem-se pelo paiz os ecos dos festejos organizados em muitas terras do reino, solemnizando a memoria de tão importante acontecimento.

Seria na realidade desconsolador deixar passar sem nota tão faustoso dia, porque elle representa o inicio do commettimento mais extraordinario da historia marítima antiga e moderna.

Desvendou-se o Mar Tenebroso, rectificando-se a fórma do velho continente, até então desenhada a capricho dos cosmographos; e conseguiu-se deo progresso dos turcos no Oriente, salvando-se assim a Europa de cahir de novo nas trevas da Idade Media, de que a Renascença mal começava a livral-a.

Com as subsequentes conquistas dos portuguezes no Oriente, os successores de Mahomet II viram-se ameaçados no Egypto e na Persia, e tiveram que voltar a sua attenção para os audazes navegadores, distraindo-se dos intentos que tinham de empolgar as nações do Occidente.

Este ponto de vista, bem pouco considerado pelos historiadores, é de certeza um dos notaveis aspectos porque se pode encerrar o valor do commettimento que se commemora.

\*

\* \*

Ao heroe, ao grande Vasco da Gama, ainda Portugal não prestou o tributo devido. Nem um monumento lhe ergueu. A trasladação dos seus restos para os Jeronymos foi um incidente brilhante das grandes festas do tricentenario de Camões. Louvavel foi a idéa de reunir o poeta e o assumpto, mas dois astros offuscam-se mutuamente.

Mais justa foi a propria India, que, ainda não passára um seculo sobre a data da chegada dos portuguezes ali, já erigia um monumento a Vasco da Gama, o qual se vê representado na gravura da nossa primeira pagina.

O famoso monumento eleva-se na margem do Mandovy, á entrada da velha cidade de Goa, cercado de palmeiras e ruínas, promettendo ainda pela sua grande solidez alguns seculos de duração.

Como se pode observar da nossa estampa, compõe-se de um elegante arco de cantaria bem lavrada, com o friso da cimalha ornamentado de esferas alternadas com animaes.

Em cima assenta um corpo mais estreito, ladeado por dois sóccos com globos. É no centro, em um nicho, que está a estatua de Vasco da Gama, em pé e de face, encimando o nicho um frontão e tendo inscripto na architrave o seguinte:

REINÃO ELR. D. PHELIPPE POS A CIDADE AQVI  
DOM VASCO DA GAMA I.º CO-MDE ALMIRANTE  
DESCOBRIDOR E CONQUISTADOR DA INDIA SENDO  
VI-ZO REI O CONDE DOM FRANCISCO DA GAMA  
SEV BISNETO O ANO D 97.

JULIUS SIMON                      ING. MAG. INV.

A frente d'este monumento é toda de cantaria escura, e aos lados tem como appoio grossas muralhas.

Foi em 1597, por iniciativa de D. Francisco da Gama e a expensas da cidade, que esta obra se erigiu, sendo planeada pelo engenheiro-mór Julião Simão.

Por uma allusão de Diogo de Couto, n'um seu discurso, á estatua de Vasco da Gama, se infere que esta obra se executou em seis mezes.

A 22 de maio de 1597, chegaram a Goa, Julio Simão e D. Francisco da Gama, e inaugurou-se em 24 de dezembro do mesmo anno na sala do senado o retrato do descobridor do caminho marítimo para a India. Foi por essa occasião que Diogo de Couto pronunciou o alludido discurso, provando-se pois a rapidez com que fôra construído o monumento, designado tambem por porta da cidade ou arco dos vice-reis, mas sendo na verdade um

monumento a Vasco da Gama, e tanto assim que para D. Francisco da Gama não foi favoravel haver elevado em honra de seu visavô tal monumento.

Segundo refere o sr. Teixeira de Aragão, no tomo III da *descripção geral historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal* que trata da India, D. Francisco da Gama orgulhoso como era, procurou dar o primeiro logar, como conquistador do Oriente a D. Vasco da Gama, tornando secundarios os factos gloriosos do grande Albuquerque, cuja memoria o povo muito venerava, e isto deu causa a parte dos desgostos que soffreu durante o seu governo.

Quando depois de substituído, se preparava para embarcar para a Europa, entre outras desfeitas que lhe fizeram, derrubaram de noite a estatua de Vasco da Gama, que ficou em pedaços, indo collocar a cabeça e as mãos no pelourinho, e da execução d'esta affronta, inculpa Faria e Sousa o engenheiro francez Sebastião Tibeđu, individuo dedicado aos inimigos do conde almirante, e, provavelmente como official do mesmo officio, rival irreconciliavel de Simão.

Philippe II, na sua carta de 24 de março de 1608, em que mandou tirar devassa do insultuoso crime, mostra não approvar que D. Francisco da Gama houvesse influído para ser ali collocada a estatua do seu visavô.

O senado de Goa ordenou que fosse posta em seu logar a de Santa Catharina, e em sessão de 7 de dezembro do anno de 1609, resolveu o mesmo senado que se mandasse fazer uma nova estatua do primeiro conde da Vidigueira, para ser collocada onde a cidade a havia já posto; e para a de Santa Catharina, que existia no monumento, se constituísse outro nicho mais alto no arco, conciliando assim a homenagem ao descobridor da India e á padroeira da cidade.

Dirigiu o senado uma petição ao vice rei Ruy Lourenço de Tavora, que a deferiu em 11 de dezembro de 1609.

Diogo do Couto preparou o discurso para o dia em que se tornasse a inaugurar a estatua do primeiro almirante do mar das Indias, e n'elle allude á collocação da imagem de Santa Catharina.

E assim pagou a India portugueza uma infima parcella do muito que devia áquelle que a ligou por mar ao resto do mundo, erigindo-lhe um monumento que, apesar de tudo, testifica uma homenagem ao illustre navegador.

Acompanhada d'estas rapidas indicações a nossa gravura da primeira pagina, segue se fallar da partida para a India, o facto memorando, que tanto despertou as artes e as lettras para a sua apothese.

\*

\* \*

Foi no dia 8 de julho de 1497, que sahiu do Tejo a armada composta das naus *S. Gabriel*, em que ia o capitão-mór Vasco da Gama, e *S. Raphael*, com o capitão Paulo da Gama, da caravela *S. Miguel* ou *Berrio*, com o capitão Nicolau Coelho, e de um navio de mantimentos, com o mestre Gonçalo Nunes.

A nenhum portuguez que se preze é dado ignorar esta viagem. Camões nos seus *Luíadas* deixou a epopéa d'ella, e não a esqueceremos aqui por miude, pois apenas registamos o seu inicio. De tão solemne acto dá agradável idéa a nossa segunda estampa, copia de um esboceto do notavel pintor historico Miguel Angelo Lupi. Este trabalho constitue por si só uma pujante affirmação do grande talento do extincto artista, e não resistimos a publical-o, tão bem synthetisa a data que entusiasticamente se acaba de commemorar.

Segue se a terceira estampa, representando Vasco da Gama a bordo da nau *S. Gabriel*, inspirada composição de Manuel de Macedo, o distincto artista que os nossos leitores tão bem conhecem pela rara valia dos seus muitos trabalhos, n'este e n'outros generos, aqui publicados no OCCIDENTE.

Para se comprehender o pensamento do artista n'esta sua composição, e o que elle procurou reproduzir, seja-nos licito, ainda que por uma fórma em extremo summaria, indicarmos os topicos principaes da celebre viagem de Vasco da Gama:

Sahida a armada de Lisboa em 8 de julho de 1497, só em 23 de julho se tornaram a encontrar os navios á vista na ilha do Sal, ponto marcado para a sua reunião. A 3 de agosto, partem de S. Thiago, a 4 de novembro avistam terra na costa da Africa, a 8 do mesmo mez, a armada chega á bahia de Santa Helena, a 16 larga d'este porto, e a 22 dobra o cabo da Boa Esperança. A 25 chega á Angra de S. Braz, onde colloca um padrão e se destrõe o navio dos mantimentos.

A 8 de dezembro, sae da Angra de S. Braz, desencadeando-se grandes tempestades; a 15 do mesmo mez, avista os Ilhéos Chãos, e a 16, vê o rio Infante, o ultimo ponto até então descoberto pelos portuguezes.

A pequena armada que ia na carreira da India vae escasseando o vento; á proporção que segue por mares desconhecidos, são as correntes fortissimas, e no dia 20 de dezembro, quando vem rompendo a madrugada, navega á terra e acha-se de novo á vista dos Ilhéos Chãos, sessenta leguas á ré do ultimo ponto aonde havia chegado.

Estamos no momento que a bella composição do nosso distincto artista sr. Manoel de Macedo pretende representar:

Os navegadores, embora homens experimentados, sentem-se inquietos e amedronta-os aquellas contrariedades. E então que Vasco da Gama, á amurada, a mão no porta-voz, encarando, ora as vagas que parecem temer a ousada prôa da *S. Gabriel*, ora observando os dois outros navios que mais afastados seguem o rumo, lucrando o vento que se lhe refresca pela prôa, manda fazer-se ao mar. N'uma das voltas consegue vencer a impetuosidade das correntes, e no dia de Natal já descobriera umas sessenta leguas de costa.

A 10 de janeiro de 1498, chega a armada ao rio do Cobre e Terra da Boa Gente, tendo andado durante treze dias com falta d'agua e de refrescos, e como n'estas paragens encontraram os navegadores nos naturaes faceis provisões, designaram-os pelo nome de Boa Gente.

E este o momento mais solemne da derrota. Nem mais um palmo de terra é conhecido dos portuguezes; são estes os ultimos pontos de que sabem noticias proprias. Agora o mar é terrível e parece oppôr-se ao proseguimento da navegação.

A 19 de janeiro chega ao Rio dos Bons Signaes (Quelimane); a 26 de fevereiro, larga de Quelimane; a 2 de março, chega a Moçambique; a 27, larga d'este ponto, chegando a Mombaça a 7 de abril.

A 15 do mesmo mez, toca em Melinde, onde se colloca o ultimo padrão, em Africa, e larga d'ahi no dia 24.

A 20 de maio e dias seguintes, avista terra da India; fundeia em Calecut.

Vasco da Gama é recebido pelo Samorim, teem logar as propostas de commercio, os arabes desenvolvem as suas intrigas.

A 23 de agosto e dias seguintes, larga a armada de Calecut, navega ao longo da costa do Malabar e toca na ilha de Angediva.

A 15 de setembro, colloca um padrão no ilhéu de Santa Maria.

Inicia-se o regresso a 5 de outubro; navegação trabalhosa, declara-se o escorbuto, a tripulação tenta revoltar-se.

A 2 de fevereiro chega a Magadoxo; a 9, a Melinde; a 16, perde-se a nau *S. Raphael* no baixo que ficou com o seu nome.

D'este navio, encontra o leitor, na estampa da nossa ultima pagina, uma representação perfeita, segundo a reconstituição historica, dirigida pelo sr. Baldaque da Silva, modelo feito no arsenal da marinha e enviado á exposição colombina, realisada 1892, em Madrid, onde figurou como uma das curiosidades mais interessantes ali expostas.

O risco da nau *S. Raphael* foi feito segundo o desenho de um manuscripto de 1558, e que se encontra na edição dos *Luíadas* do fallecido visconde de Juromenha.

Na construcção, apparelho e velame d'este pequeno modelo, seguiram-se varios documentos da epoca de maior credito, e na sua factura apenas collaboraram artistas portuguezes: Traçou-lhe os planos geometricos o sr. Joaquim José Salgueiro, modelou o casco o sr. Joaquim Baptista, fez o apparelho o sr. Joaquim Antonio de Deus, e as mais decorações o sr. Eloy do Amaral.

A 18 de fevereiro de 1498, chegam os restantes navios a Zanzibar, a 29 de março dobram o Cabo da Boa Esperança, e em fins de abril a caravela *Berrio* separa-se da nau *S. Gabriel*, a qual, em dia incerto do mez de maio, chega a S. Thiago de Cabo Verde.

Em junho, Vasco da Gama freta uma caravela e larga para Lisboa.

A 10 de julho, Nicolau Coelho chega a Lisboa a bordo da *Berrio*. Em agosto, Vasco da Gama arriba á Terceira, onde morre seu irmão Paulo da Gama; a 29 do mesmo mez, larga da Terceira o descobridor da India, chegando ao Tejo a 8 ou 9 de setembro.

No dia 18 do mesmo mez, faz Vasco da Gama a sua entrada triumphal em Lisboa.

Está completa a sua viagem.

Imagine-se o alvoroço que a nova do descobrimento da encantada região da India causou em Portugal! Foi communicada com enthusiasmo a

CENTENARIO DA PARTIDA DE VASCO DA GAMA PARA A INDIA



A PARTIDA DE VASCO DA GAMA PARA A INDIA — QUADRO DO FALLECIDO PINTOR MIGUEL ANGELO LUI

(Cópia de uma photographia)

CENTENARIO DA PARTIDA DE VASCO DA GAMA PARA A INDIA



VASCO DA GAMA A BORDO DA NAU S. GABRIEL — DESENHO ORIGINAL DO SR. MANUEL DE MACEDO

todas as cidades e villas, e festejada como uma verdadeira maravilha.

\*  
\* \*

Vão passados quatrocentos annos sobre a data do inicio de tão estupendo empreendimento. O nome de Vasco da Gama brilha e brilhará sempre como um dos homens mais prestimosos do mundo. O seu alto feito, fria e serenamente levado a cabo, ligou-se á sciencia por um sem numero de descobrimentos importantes e pelas vantagens que com elle a humanidade destructou.

Synthetisemos hoje no nome do illustre varão o facto que se commemorou, e associemo-nos com todo o enthusiasmo de portuguezes á solemnidade do dia 8 de julho de 1497, em que a nossa patria ensinou ao resto do mundo o caminho maritimo para a India.

### O que fomos, no nosso dominio da India, e o que somos!...

Para que se possa fazer um pequeno confronto entre as nossas actuaes possessões na Asia, com aquellas que a Inglaterra ali possui, bastará dizer que a india ingleza é dividida em doze provincias e treze estados nativos e occupa uma área de 1.455.512 milhas quadradas (3.760.776 kil. q.) tendo uma população de 255.677.863 habitantes, entretanto que a nós, do nosso antigo e vastissimo dominio, só nos restam 2.365 milhas quadradas (6.125 kil. q.) com a população de 561.384 habitantes. Isto quer dizer que a Inglaterra occupa seiscentas vezes mais terrenos na India do que nós, e que tem ali uma população quinhentas vezes maior que a que nós lá temos! E' mais que o bastante para que o nosso pequeno dominio (pequeno relativamente) esteja em constante perigo de ser engolido pelo grande e voraz leopardo britannico.

Portugal possui nas grandes regiões do Ganges apenas uma orla de terra situada na costa occidental da India, entretanto que a India britannica occupa a maior parte da enorme península do Indostão e uma extensissima parte da India trans-gangetica, formando o todo um territorio quasi igual ao continente europeu!

O dominio de Portugal na India é composto das ilhas de Goa (Goa, Chorão, Piedade, Santo Estevão, Capão, Corjuem, Mota, Toto e Combarjua) das penínsulas de Bardez e Salcete e da ilha de Anjediva—possessões a que se dá o nome de *Velhas Conquistas*. As provincias chamadas *Novas Conquistas* são: 1.º Pernem e Tiracol, 2.º Canácona, Bicholim e Satary (capital; Saquelim) 3.º Pondá e Embarcem, 4.º Astragar, Balli, Chandravaddy, Cacorá e a jurisdicção do Cabo de Rama. Portugal tem ali, além d'isso, dois territorios adjacentes que são a *praça e cidade de Damão* e a *fortaleza de Diu*. Os territorios da provincia de Goa formam apenas um bocado do paiz de Concão.

O Concão é, como se sabe, constituido por uma lingua de terra entre o mar e a cordilheira dos Gattes, na Costa do Malabar, contendo uns 37.000 kilomet. q. de superficie. O nosso territorio é ali apenas de 105 kilometros de extensão, desde Torchem ao N, até Polem, ao S. e de 60 kilometros de largo, entre Mazagão e o Gatte de Tinem.

Eis tudo o que nos resta do nosso dilatadissimo imperio da Asia!

Cochim, que se estendia desde Cranganor até ás boccas do Ganges, na costa de Coromandel, Malaca que abrangia a península malaia, Meliapor, Bombaim e Ceylão tudo... tudo nos fugiu! O porto de Cochim é o melhor de toda a costa occidental da India e séde de activissimo commercio com a costa do Malabar e a China.

Perdimo-lo. Em 1663 passou para os holandezes, que nos tomaram Cochim á viva força.

Ainda lá hoje attesta o nosso dominio a sua fortaleza e a sua cathedral, levantadas ali por nós no seculo xvi.

Ceylão, (a *Trapobana* de Camões), perola do golfo de Bengala, e que não querendo desdizer do seu orgulho tantos milhões de perolas lança ao mercado do mundo, conjunctamente com a sua grande exportação de tabaco e o seu activo commercio de café, canella e algodão, tambem nos foi tomada pela Hollanda. As praças de Colombo e Jafanapatão cabiram em poder dos holandezes em 12 de maio de 1656 e 23 de junho de 1658, e a Inglaterra tomou posse da ilha em 1795 e fella dependente do governo de Madrastra, sem que

nol-a restituísse, faltando assim á fé do tratado de 23 de junho de 1661.

Malaca (o *Aurea Chersonesus* dos antigos), a extensa península da India trangangetica, com o seu monte Ophir, onde ha os filões do mais fino ouro do mundo, Malaca, com as suas inexgotaveis minas de estanho e de ferro e as suas culturas de anil, tabaco e café e canna saccharina, esse grande emporio do oriente onde o grande Affonso d'Albuquerque produziu tantos e tão brilhantes façanhas, enchendo o mundo de espanto e recebendo tributos de vassalagem de muitos reis do Oriente, tambem a perdemos!

Cahiu em poder dos holandezes, sendo mais tarde tomada pelo grande polvo, a *Inglaterra* (1795 e 1825).

Malaca faz hoje parte do governo de Singapura, onde ha um bello porto e o commercio attinge a 80.000 contos de réis.

Ormuz, que foi uma das cidades mais florentes da Asia, e que possui um magnifico porto no Golfo Persico. Tem um forte construido pelos portuguezes, e foi theatro de muitos do nossos feitos heroicos. Affonso d'Albuquerque obrigou o rei de Ormuz a prestar vassalagem e a pagar tributo á corôa de Portugal.

Pois tambem se foi! Hoje pertence ao Iman de Mascate, depois de nos ter sido arrancada pelos inglezes.

Bombaim, que é actualmente uma das mais populosas cidades do mundo, e talvez a melhor da India, depois de Calecut. O commercio ali attinge proporções fabulosas, não ficando inferior a Calecut a grandiosa capital da India britannica.

Tambem essa grande cidade nos pertenceu e tambem a perdemos! Não nos foi, porém, arrancada á força, mas foi-o ardidamente sob as promessas d'um tratado que nunca se cumpriu no que nós era util e só teve execução no que nos trazia damno.

Esta populosa cidade do Industão foi entregue aos inglezes em 18 de fevereiro de 1665, em virtude do contracto de casamento da infanta de Portugal D. Catharina com Carlos II d'Inglaterra, e pelo tratado de 23 de julho de 1661. Bombaim tinha então apenas 15.000 habitantes, hoje conta perto d'um milhão d'almas!

Baçaim e Chaul, que lhe estão perto (uns 40 kilomet. ao N.), mas que não entráram n'aquelle monstruoso contracto ou tratado, tendo sido a primeira d'ellas fundada pelos portuguezes em 1533, sendo governador da India D. Nuno da Cunha, e a segunda, serviu de glorioso tumulo a D. Lourenço d'Almeida. Igualmente as perdemos!... Hoje, o povo britannico tem-as empolgadas nos seus tentaculos monstruosos.

As florestas de Baçaim produzem riquissimas madeiras de construcção e especialmente a teca de que os inglezes se servem nos seus estaleiros da India, o sandalo, o alôes, o pau setim, o pau rosa e outras madeiras de luxo. Tudo se foi!...

Em quanto as nações da Europa, principalmente a Inglaterra, a França e a Hollanda tem alargado e expandido pelos ardis e pela força o seu poder colonial e adquirido a melhor parte dos seus rendimentos trazidos das suas possessões ultramarinas, Portugal tem ido, perdendo a pouco e pouco, tem arrasado o seu patrimonio, tem-se deixado cahir na mais assustadora decadencia e no mais atrophiante desleixo!

Agora que a Sociedade de Geographia vem de entrar n'uma nova phase da sua já brilhante carreira é de esperar que ella não só se opponha com todas as forças de que pôde dispôr a qualquer alienação do pouco que ainda nos resta, mas envide todos os seus exforços para que esses restos do nosso glorioso e antigo imperio no oriente e das nossas conquistas na Africa tomem o incremento moral e material que devem tomar, e adquiram toda a prosperidade e desenvolvimento de que elles são susceptiveis.

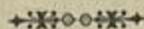
Lá diz nos seus *Luçidas* o nosso Epico:

*Defendei vossas terras, que a esperança  
Da liberdade está na vossa lança.*

E na *vossa penna* deveria ter o grande poeta accrescentado.

Para o bem da nossa querida Patria não devemos só verter o nosso sangue, mas dar tambem toda a actividade do nosso cerebro, os mais nobres sentimentos da nossa alma, as pulsações mais doces e tambem as mais vehementes do nosso coração.

Silva Pereira.



## CAMÕES E A PATRIA

*Ao meu amigo Estacio da Veiga*

É possível? A patria deslembra  
Os teus restos, Camões, emfim procura,  
E, curva sobre a terra e desvelada,  
Busca-te, arrependida, a sepultura?  
É esta, é esta a pedra consagrada?  
Coube aqui tanta gloria e desventura?  
É este o porto, onde o cantor divino  
Veiu acabar o seu fatal destino?

Acorda, Portugal, teu vate abraça;  
Vive ao d'elle o teu fado reunido;  
Sae do longo torpor, ó nobre raça,  
O povo out'ora pelos mais temido;  
Se com o nome seu teu nome passa  
A eternidade, onde será ouvido,  
Com seu espolio o teu reanimado  
Será n'outra existencia transformado.

Palladio que preside á tua sorte,  
Porque perdê-lo, ó patria, assim deixaste?  
Misera, nunca mais, qual d'antes, forte  
Do teu leito de dôr te levantaste!  
Mas não te abriga a congelada morte;  
Não, á morada extrema não baixaste;  
Vinde-a vêr como já toda estremece  
De gratidão e palpitar parece.

E qual dos filhos teus mais merecera  
O teu amor, ó terra endurecida?  
Quem te amara com alma tão sincera  
E tanto das offensas não sentida?  
Quem, martyr, o seu corpo á morte dera,  
Por te legar immorredora vida,  
Querendo que, se ao tumulo descesses,  
No sen manto de gloria te envolveses?

E tu que foste para elle? oceano  
Sempre d'escolhos e tormentas cheio,  
Que, depois de o levat de damno em damno  
Só para o sepultar abriste o seio.  
Assim combate o mar o fraco humano,  
As bravas ondas desprendendo o freio,  
Surdo á voz da afflicção que o não desperta,  
E, naufrago, lhe mostra a cova aberta.

Poeta, pobre, amante e desgraçado,  
Ante as grandezas alteaste a frente;  
Tinhas a lyra tua; eras soldado;  
De um povo a fama te incendia a mente;  
Nasceste pelas palmas rodeado,  
Que dava ao Tejo o submettido oriente;  
E, vendo rica a patria, te julgaste  
Rico tambem, e o oiro desprezaste.

Porém tamanho esforço e valentia,  
E nem sequer um canto resoava!  
Eil-o, eil-o ahi o rei da poesia,  
Que no longe futuro os olhos crava;  
O patria, ó patria minha, elle dizia,  
(E a ingrata de si o desterrava!)  
Já que apartas de ti o teu amigo,  
Na eternidade viverás comigo.

E foi cantar do pélago aos furores,  
Ouvir das vagas o feroz rugido,  
Porque afizesse a lyra aos seus horrores,  
Para depois do mundo ser ouvido.  
Tal o maior dos gregos oradores  
Ia bradar ao mar embravecido,  
Antes que na tribuna trovejasse,  
E contra o jugo uma nação armasse.

Cantor do Gama lhe seguiste a senda;  
Cantor de um povo audaz e navegante,  
Como elle, encaraste a morte horrenda,  
Os seus passos medindo de gigante;  
Do Adamastor tremeste á voz tremenda,  
Como elle; e emfim, guerreiro e triunphante,  
Escreveste as batalhas combatidas  
Pela patria co'o sangue das feridas.

E ella sem attender-te! E longe d'ella  
Tu lhe alçavas o augusto monumento,  
Que ao lado seu até agora véla,  
Pagando-lhe d'est'arte o esquecimento!  
Por teu paiz natal e por aquella,  
Que te havia captivo o pensamento,  
Toda inteira a existencia dividiste,  
E por ambos aos males resististe.

Amar como elle amou e ser amado,  
E receber a desventura em paga!  
Vinde escutar-lhe o canto magoado,  
Que as suas illusões anima e afaga.

<sup>1</sup> Do livro *Cambiantes* de Ramos-Coelho.

Basta falar de amor para, animado,  
Logo do seu amor abrir a chaga;  
Sente, commove, os corações fascina;  
Es tu, és tu, inspiração divina.

O lagrimas de Ignez, quem não derrama  
Sobre vós, se alma tem, a alma em pranto?  
O Ilha dos Amores, quem a chamma  
Não provará de teu suave encanto?  
Infeliz do poeta que não ama;  
Porém mais infeliz quem ama tanto,  
Para soffrer como elle, sempre ausente,  
Ou perto ou longe da que tem na mente!

Camões, no exilio solitario morre;  
Expira, expira ahí, bardo sublime;  
Dão-te as muralhas de segura torre,  
Pobreza, injurias, até mesmo o crime;  
Dos seus ardis a inveja se soccorre,  
E em tua fronte nóbrega a garra imprime;  
Mas não; a patria, a que exaltaste o nome  
Tem para dar-te o hospital e a fome!

E rever suas praias só querias,  
Que te restava a lisonjeira esperança  
De despontarem mais formosos dias  
E na tua existencia haver mudança.  
O seu e o teu futuro lhe trazias  
N'um livro; n'elle tua fé descansa;  
E ella, também ella, a que te amava,  
Atravez do oceano te chamava.

Chegas; e o sonho teu se desvanecel  
Foi-se o amor; é morta a formosura!  
De si a patria, mais de ti se esquecel  
O que te resta pois? a sepultura?  
Ninguem, ninguem de ti se compadece!  
Gosam-te a gloria; deixam-te a amargura!  
Se não fosse o teu jau, o teu abrigo,  
Não tiveras ninguem; nem um amigo!

Vergonha, opprobrio á geração ingrata,  
Que assim o egregio vate galardoa!  
Vergonha á patria, que á penuria o mata,  
E o desprezo lh'impõe como coroa!  
Mas elle, generoso, á que o maltrata,  
Em vez de censurar, tudo perdôa;  
Sobre a ruina sua geme e chora;  
E d'ella o fado, não o seu deplora.

E finalmente acordarás do leito,  
Onde a sorte, onde a incuria te ha lançado,  
Miserio Portugal, e contra o peito  
Apertarás teu vate despresado?  
Ao grande genio pagarás o preito?  
Ouvirás das nações o justo brado?  
Oh! sim; se já trez seculos correram,  
Muito mais tua divida accresceram.

Embora não condiga o monumento  
Co'o divino cantor da tua gloria,  
Embora; outro terá mais opulento,  
Se viveres de novo para a historia;  
Resurge; e dar-lhe-has contentamento  
Maior, e julgará maior victoria  
Ver-te, qual d'antes, forte e venturosa,  
Do que dever-te a estatua mais famosa.

Ramos-Coelho.

## A Covilhã e a Industria dos Lanificios

### IV

Continuado do n.º antecedente)

Será este o ultimo capitulo do nosso trabalho de hoje.

Quem teve a paciencia de seguir o que deixámos escripto, merece que lhe dediquemos, não só as conclusões e deducções que se poderiam inferir de tudo o apontado, porque muito haveria a accentuar; sendo alguns dos factos de uma apparente singularidade, como o augmento extraordinario das fabricas que, em 1860 era de 32, tendo-se mantido com ligeiro augmento o pessoal empregado, porque se deve attender a quantas machinas dispensam grande numero de braços, bastando poucos para as fazer funcionar, mas também, indicados os machinismos, corre nos o dever de elucidar quaes as operações mais usuas no fabrico dos lanificios.

Com tristeza confessamos faltar-nos a competencia technica para o fazer proficientemente e com inteiro credito.

Mas como fundamentalmente as operações pouco tem mudado, servir-nos-hemos de um breve resumo do assumpto, escripto por Fradesso da Sil-

veira em 1863, o qual viu e analysou essas operações.

Se, n'esta quasi transcrição, não houver uma perfeita verdade nas operações hoje seguidas, ficará comtudo como um esboço historico da technica d'esta industria, digno de suggerir a comparação com os processos actuaes, e d'essa analyse tirar proveitosas e ensinadoras illações.

A primeira operação para o fabrico dos pannos é naturalmente o *apartar* a lã, separando-a em diversas sortes. A mais  *fina*  é a que se tira do lombo, a  *entrefina*  das espaldas, a ordinaria do pescoço e partes inferiores. A lã dos cordeiros dá-se o nome de  *anninhos* .

Lavam-se as lãs para as desembaraçar da  *suarda* . Como esta substancia unctuosa se dissolve na agua, faz-se a lavagem mergulhando as lãs por algum tempo em agua quente, cuja temperatura não exceda 60º centigrados, e diluindo na mesma agua alguma urina em putrefacção, que actua neutralizando, pelo seu ammoniaco, os acidos livres da  *suarda* .

Quando, por simples lavagem e com a urina, se não obtem o desenxugo, ou completa neutralisação e separação da  *suarda* , consegue-se empregando as lexivias alcalinas. Termina-se a lavagem em agua corrente.

Lavada a lã e escolhida por escolhedeadas, á mão, é indispensavel tingil-a para o fabrico dos pannos azues, verdes, castanhos, etc. Os pretos, carmezins, escarlates, etc., são tintos depois em peca.

Em todo o caso, a lã, embora tinta ou não, entra na  *argueiradeira* , para perder o pó, as impurezas, os corpos estranhos, que prejudicariam o fabrico. Introduce-se a lã entre dois cylindros, em camadas da mesma espessura, e o argueiramento é feito por outro cylindro com dentes, que recebe a lã dos dois primeiros. Nas  *argueiradeiras*  limpase a lã, e os filamentos recuperam grande parte da elasticidade que tinham perdido em virtude das operações anteriores.

(Continúa)

Esteves Pereira.

## AS ONDINAS

(Ao Conde de Valenças)

Eram duas as pallidas ondinas,  
Ambas ellas gentis e provocantes,  
No glauco dos seus olhos fulgurantes  
Liam-se os éstos das paixões divinas.

Prenderam-me, nas aguas neptuninas,  
Mais ardentes que as perfidas bacchantes.  
Mas, Tenorio feliz de outras amantes,  
Disse adeus ás aquaticas meninas.

Á hora da partida, a minha ausencia  
Em gritos lamentavam desditosas,  
Torcendo os corpos nus, como em demencia;

E do seio das vagas rumorosas  
Diziam: «Não nos deixes, oh! não, vossencia,  
Pelas da terra emmurhecidas rosas!»

XXIV-V-XCVII.

João Penha.

## AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

(VERSAO)

(Continuado do n.º 666)

### VII

Disse-lhes que me tinha perdido não sabia onde, e que estava rendido de fome e sede, e sem forças para me levantar, sequer. Tiveram piedade, pozeram pé em terra, deram-me a comer do que tinham, montaram-me n'um cavallo e levaram-me para uma herdade, a tres leguas d'alli, onde, disseram elles, estava a sua patrão. Chegámos lá perto das cinco horas da tarde.

A senhora era uma mestiça, filha de hespanhol e india, viuva, boa mulher, que, vendo e sabendo o meu estado pessimo e afflictivo, teve compaixão de mim e me acolheu caritativamente.

Bondosa e compassiva, mandou-me logo deitar n'uma boa cama que arranjava sollicitamente, serviu-me uma ceia abundante e deixou-me repou-

sar e dormir, o que me restaurou. Na manhã seguinte, fez-me almoçar bem e, notando que eu não tinha nada para vestir, deu-me um bom fato de panno. Continuou a tratar-me o melhor que pôde, banqueteadando-me ás mil maravilhas. Ella era abastada, e tinha grande numero de animaes e rebanhos. Como poucos hespanhoes vinham abordar alli, teve parece, o desejo de eu ser para a filha.

Ao fim de oito dias de eu estar na herdade, a boa mulher disse-me para eu ficar governando-lhe a casa. Mostrei-me muito commovido com o favor que me concedia no estado em que me encontrava e prometti servil-a o melhor que eu pudesse. Poucos dias depois, deu-me a entender que veria bem o meu casamento com uma filha que tinha, tão negra e feia como um diabo, muito ao contrario do meu gosto que foi sempre inclinado aos rostos formosos.

Testemunhei-lhe uma immensa alegria por tão grande beneficio, tão pouco merecido, ajoelhando-lhe aos pés para que dispuzesse de mim, como se eu fora cousa sua, achada ao abandono.

Continuei servindo-a o melhor que me foi possível. Vestiu-me elegantemente e entregou-me com toda a franqueza a sua casa e bens.

Passados dois mezes, fômos a Tucuman afim de effectuar o casamento. Demorei-me ahí outros dois mezes differindo sempre a execução, sob diversos pretextos, até que não podendo mais, montei n'uma mula e abalei precipitadamente. Nunca mais me viram.

Tive em Tucuman outra aventura do mesmo genero. No decurso de dois mezes que eu passei alli entretendo a minha india, estabeleci por acaso relações com o secretario do bispo, o qual me recebeu com muito agrado e me levou muitas vezes a sua casa para jogarmos ambos.

Ahí travei conhecimento com D. Antonio de Cervantes, conego da mesma egreja e provisor do referido bispo.

Tambem elle, sympathisando com a minha pessoa, me convidou algumas vezes para jantar e, por fim, abriu-se francamente dizendo-me que tinha em casa uma sobrinha, menina da minha idade, muito formosa e bem dotada, que eu lhe agradara e lhe parecia vantajoso o casal-a commigo.

Mostrei-me muito submisso aos seus desejos, tão affectuosos e cordiaes.

Vi a menina e agradou-me. Recebi d'ella um fato completo de bello velludo, doze camizas, seis pares de calções de panno de linho de Ruão, alguns collarinhos de Hollanda, uma duzia de lenços e duzentos pezos n'uma bandeja, tudo como presente e pura galanteria, sem prejuizo do dote.

Recebi os presentes com prazer e alta estima e compuz a resposta o melhor que me foi possível, esperando ir-lhe beijar a mão e prostrar-me a seus pés.

Occultei quanto pude isto á india, e, quanto ao resto, dei-lhe a entender que este gentil-homem, movido pela sua inclinação para mim queria festejar o meu casamento em companhia de sua filha que elle estimava muito.

Estavam assim as cousas, quando dobrei o cabo e desapareci. Nunca mais tive noticias da negra nem da sobrinha do provisor.

### VIII

Sahi de Tucuman, como disse, e cavalguei direito a Potosi, que fica a umas cento e cincoenta leguas de distancia de ali. Levei tres mezes para as andar, caminhando por terra fria e quasi sempre completamente deserta.

Pouco depois da minha partida, encontrei um soldado que ia para o mesmo destino. Gostei da companhia, e fizemos a jornada juntos.

Passado tempo, tres homens que traziam na cabeça uns  *bonets*  de pelles chamados  *monteras* , e armados d'escopetas saíram das choupanas situadas á beira do caminho e pediram-nos a bolsa.

Não houve meio de os dissuadir da exigencia, nem de os convencer de que nada tinhamos para dar. Forçoso foi que nos apeassemos para fazer-lhes frente. Ficámos de melhor partido, porque elles erraram fogo; dois cahiram e o outro fugiu. Tornámos a montar os cavallos e proseguimos na nossa jornada.

Finalmente, á força de andar e de soffrer penosos trabalhos e fadigas, chegámos a Potosi, passados mais d'uns tres mezes. Encontrámo-nos ali sem conhecer ninguem, e cada um de nós teve que diligenciar fazer vida por si.

Quanto a mim, deparei com D. Juan Lopes de Arquiño, natural da cidade de La Plata, na provincia de Charcas, e accommodei-me como seu camareiro, que é como quem diz mordomo, estipulando-me a quantia de novecentos pezos de ordenado annual.

Confiou á minha guarda doze mil carneiros in-

## CENTENARIO DA PARTIDA DE VASCO DA GAMA PARA A INDIA



A NAU S. RAPHAEL QUE FEZ PARTE DA ARMADA EM QUE VASCO DA GAMA FOI Á INDIA

digenas e oitenta indios, como os quaes me diri-  
gi para Charcas. Meu amo tambem para ali foi.

Mal tinhamos chegado, soffreu elle alguns dis-  
sabores por parte de varias pessoas que o desgosa-  
raram, o que acabou por uma serie de demandas,  
prisões e penhoras, pelo que me vi forçado a des-  
pedir-me do seu serviço e a voltar.

De regresso a Potosi, sobreveiu a revolta de  
Alonso Ibañez. O corregedor, D. Raphael Ortiz,  
do habito de S. João, reuniu contra os rebeldes,  
que eram mais de cem, alguma tropa. Fui com  
ella.

Sahimos para as ruas, e, uma noite, encontrá-  
mos-nos na rua de Santo Domingo.

Quando o corregedor lhes gritou cá de longe:  
— Quem vive? elles não deram resposta e retirar-  
am-se, sem maior novidade.

Porém, mais adiante, a uma segunda intimação  
do corregedor, alguns responderam:  
— A liberdade!

Então o corregedor, com mais alguns outros,  
ao grito de «Viva o Rei!» correu para elles, e  
nós seguimos-o, fazendo fogo e acutilando. Defen-  
deram-se valentemente.

Depois de os termos encurralados no extremo  
de uma rua, atacando-os do lado opposto, carregá-  
mos sobre elles tão fortemente que tiveram de  
se render. Todavia, alguns lograram escapar-se.

Conseguiu-se prender uns trinta e seis, e entre  
elles a Ibañez. Encontrámos mortos uns sete e  
dois dos nossos. Houve de ambas as partes gran-  
de numero de feridos.

Alguns dos prisioneiros, sendo postos ás tortu-  
ras, confessaram o seu designio de se sublevarem  
com a população, n'aquella mesma noite.

Immediatamente se mandaram vir para guar-  
dar a cidade umas tres companhias de biscainhos  
e homens do campo.

Quinze dias depois, os revoltosos foram todos  
enforcados e a povoação ficou socegada.

Entretanto, talvez por causa de algumas acções  
de valentia que eu tivesse praticado, deram-me o  
posto de ajudante do sargento-mór, no qual servi  
durante dois annos.

Por este tempo, em que eu estava servindo em  
Potosi, o governador D. Pedro de Legui, do ha-

bito de Sant'Iago, deu ordem de se levar gente  
para Chunchos e El Dorado, terras de indios em  
guerra, a umas quinhentas leguas de Potosi, re-  
gião riquissima em ouro e pedrarias.

D. Bartholomeu de Alba, que era o respectivo  
mestre de campo, fez os preparativos da expedi-  
ção; e, estando tudo a postos, ao fim de vinte  
dias deixámos Potosi.

## IX

Sahidos de Potosi, em direcção a Chunchos,  
chegámos a uma aldeia de indios pacificos, cha-  
mada Arzaga, onde nos demorámos oito dias. To-  
mámos guias para o caminho, o que não impedi-  
u de nos perdermos e encontrar-nos em grande  
confusão e desordem sobre umas rochas escalva-  
das e escorregadias, quasi a pique, d'onde se pre-  
cipitaram umas cincoenta mulas, carregadas de  
viveres e munições, e uns doze homens.

Internando-nos pelo paiz, descobrimos plani-  
cies plantadas com uma infinidade de amendoei-  
ras semelhantes ás de Hespanha, oliveiras e mu-  
ltas outras arvores de fructo.

O governador quiz fazer ali algumas semente-  
iras para supprir as perdas de viveres que tinha-  
mos soffrido. A infantaria não quiz obedecer, di-  
zendo que não viera para cultivar e semear, mas  
sim para conquistar e extrahir o ouro, e que  
quanto a subsistencias nós as acharíamos.

Tendo passado além, ao terceiro dia descubi-  
mos uma povoação de indios, que nos receberam  
de armas na mão. Avançámos. Ao ouvirem os ti-  
ros de arcabuz, fugiram amedrontados, deixando  
alguns mortos. Entrámos na aldeia sem conse-  
guirmos haver á mão um unico indio pelo qual  
soubessemos o caminho.

A sahida, o mestre de campo, D. Bartholomeu  
d'Alba, fatigado pelo pezo da celada, tirou-a para  
enxugar a transpiração que lhe inundava abun-  
dantemente a fronte.

Um pequeno indio, da pelle do diabo, de cerca  
de doze annos, que estava escondido n'uma arvo-  
re em frente da sahida da povoação, atirou uma  
flécha com tal arte á cara do governador, que, en-  
trando-lhe n'um olho, o vasou logo, e ficou tão

gravemente ferido, que no fim de tres dias mor-  
reu dolorosamente. O garoto foi logo feito em  
postas.

Por esta occasião, já os indios, em numero de  
mais de dez mil, tinham reoccupado a povoação.  
Saltámos-lhes em cima com tanta furia e fizémos  
uma tal carnificina, que chegou a correr pelo valle  
abaixo da aldeia um abundante regato de sangue.  
Levámos a perseguição e a matança até além do  
rio Dorado. Ahí, o commandante ordenou a reti-  
da. Foi de má vontade que obedecemos. Alguns  
tinham apanhado nas habitações da povoação  
mais de sessenta mil pezos de ouro em pó.

Nas margens do rio acharam outros grandes  
quantidades do precioso metal, com que enchiam  
os chapéus.

Soubémos que as aguas mais baixas ficavam  
ordinariamente n'uns tres dedos de altura. Por  
isto, pedimos licença ao governador para atraves-  
sarmos e irmos conquistar aquellas terras; mas  
como elle tinha razões para não deferir o pedido,  
não nos concedeu a permissão solicitada, e então  
alguns soldados, entre os quaes eu, fugiram pela  
calada da noite e fizeram-se ao largo.

Chegados a terra christã, agenciámos a nossa  
vida, cada um por seu lado. Eu, dirigi-me para  
Cenhiago e, de lá, á provincia de Charcas, com  
alguns pobres reaes que, pouco a pouco e bem  
depressa, vi desaparecer.

(Continúa)

Esteves Pereira.



Recebemos e agradecemos:

**Diccionario Illustrado.** — *Linguistico, scientifico, artistico, industrial, historico, geographico, bibliographico, biographico e mythologico, segundo os methodos de Larousse, Littré et Beaugéan, Bénard e Bescherelle, para uso de Portuguezes e Brasileiros, por Francisco de Almeida, illustrações de Francisco Pastor.*

Temos presente a caderneta 39 d'este interes-  
sante diccionario, a qual já alcança á pag. 1248, e  
a palavra *Monteiro*, vindo enriquecido de gran-  
de numero de pequenas gravurinhas elucidativas.  
Toda a obra formará um unico volume.

**Para as creanças.** — N.º 23 — 1.ª serie — Maio,  
e Junho de 1897. Setubal.

O summario dos numeros que temos presente  
d'esta graciosa bibliotheca infantil é o seguinte:

*A bella felicidade*, conto phantastico bordado  
sobre uma historia tradicional; *o Porqueiro* ou-  
tro conto do mesmo genero. *O coelho branco*, *O  
principe bezerro*, *A muda*, formam o numero de  
junho. As illustrações são finas e espirituosas,  
despertando curiosidade.

A impressão é nitida e o aspecto do livrinho  
muito agradável.

**Associação de Escolas Moveis, pelo methodo de  
João de Deus.** — *Relatorio — 1893 a 1896.*

Recebemos este relatorio claramente elabo-  
rado, subscripto pelo nosso amigo e collega Ma-  
galhães Lima, incansavel presidente da direcção  
da prestimosa collectividade. O parecer da com-  
missão revisora de contas é assignado pelos srs.  
Antonio Cardoso de Oliveira, Antonio Portella e  
Silva Graça, e mostra bem o estado da associação.

**O baptismo** — *monologo ao correr da penna por  
Luiz Maia* — Editor — J. de Menezes — California  
1897.

É um gracioso monologo, escripto em Louren-  
ço Marques, a 9 de janeiro de 1897, e publicado na  
California em março passado.

N'elle explora o auctor, com uma certa graça  
as antinomias que geralmente existem entre os  
nomes proprios, de baptismo, dos individuos e o  
seu caracter e circumstancias de vida.

Alguns nomes na verdade, quasi que são uma  
viva e pungente ironia da sorte!

### Almanach illustrado do «Occidente» Para 1898

Entrou no prélo este esplendido annuario para  
1898 e recebem-se annuncios até o fim d'este mez.

Desde já se recebem encomendas na EMPREZA  
DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Reservados todos os direitos de proprie-  
dade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39